

## CAPÍTULO 6

# BIOGRAFIA, FAKE NEWS E A MISSÃO DA VERDADE



<https://doi.org/10.22533/at.ed.51711250503>

Data de submissão: 26/04/2025

Data de aceite: 06/05/2025

### Suênio Campos de Lucena

UNEB – Universidade do Estado da Bahia  
Salvador – Bahia  
<http://lattes.cnpq.br/7071504060393357>.

**PALAVRAS-CHAVE:** Biografia; Verdade; Jornalismo; Ficção; João Gilberto.

### Cristiano Vileno Conceição Santos

UFBA – Universidade Federal da Bahia  
Salvador – Bahia  
<http://lattes.cnpq.br/0103883420821129>.

### BIOGRAPHY, FAKE NEWS AND THE MISSION OF THE TRUE

**ABSTRACT:** This article discusses the obligation to tell the truth based on biographical works and oral history. The intention is to explore the elements of language in a field, the biography, based on truth, accuracy, checking and listening to reports, something that ends up exposing versions and contradictions of the narrated story. As objects of analysis, we cite *Ho-ba-la-lá – À procura de João Gilberto*, a biography of the singer João Gilberto written by Marc Fischer, as well as books that analyze biography and oral history, such as *Usos e abusos da história oral*, organized by Marieta Ferreira and Janaína Amado; *O Jornalista e o Assassino*, by Janet Malcolm; *O Espaço Biográfico*, by Leonor Arfuch, and *A Ilusão Biográfica*, by Pierre Bourdieu, among others.

**KEYWORDS:** biography; true; journalism; fiction; João Gilberto.

**RESUMO:** Este artigo discute a obrigação de se narrar a verdade a partir de obras biográficas e de história oral. A intenção é explorar os elementos da linguagem de um filão, a biografia, baseado na verdade, na precisão, checagem e escuta de relatos, algo que acaba por expor versões e contradições do narrado. Como objeto de análise, citamos *Ho-ba-la-lá – À procura de João Gilberto*, biografia do cantor João Gilberto escrita por Marc Fischer, além de livros que analisam a biografia e a história oral, como *Usos e abusos da história oral*, organizado por Marieta Ferreira e Janaína Amado; *O Jornalista e o Assassino*, de Janet Malcolm; *O Espaço Biográfico*, de Leonor Arfuch, e *A Ilusão Biográfica*, de Pierre Bourdieu, entre outros.

## A BIOGRAFIA NO BRASIL

No Brasil, após a decisão do STF, Supremo Tribunal Federal, ocorrida em Julho de 2015, que dispensou a autorização prévia para a publicação de biografias – decisão ocorrida devido à proibição do livro *Roberto Carlos em detalhes*, de Paulo César de Araújo, que chegou a ser recolhido –, o filão da biografia tem alcançado grande número de vendas, *bestsellers* que, com frequência, chegam à lista dos mais vendidos. Contudo, o que está no cerne deste tema, para além da liberdade de expressão e do direito à privacidade, trata-se da narrativa biográfica, texto que tem como missão a busca pela verdade, embora tenha por base a lembrança e o relato oral, com isso expondo um gênero que provoca intensa discussão sobre verdade, edição, lembrança e apagamento de algo que ocorreu no passado – eis um debate repleto de tensões e controvérsias que vão desde *fake news* à busca pela verdade.

## A ENTREVISTA COMO VERDADE

Conforme ressalta Tourtier-Bonazzi (2006), a realização de uma entrevista busca tornar os fatos o mais real e próximo da verdade, sejam eles narrados pelo próprio entrevistado ou através das testemunhas de um determinado fato específico. O compromisso com a verdade, portanto, traria ao entrevistador a confiança dos leitores para além dos entrevistados, dando credibilidade a ele e a tudo que ele escreve, sempre buscando a veracidade dos fatos, esforço que o autor ou jornalista deve exercitar a fim de escapar de eventuais *fake news* ou na construção de enredos sem compromisso com a verdade. Assim sendo, para conseguir alcançar essa verdade, o entrevistador deve ter cuidado, senso de investigação e paciência para com o entrevistado – essas são as bases do texto biográfico.

Por isso, o biógrafo deve atentar para cada palavra dita reproduzida, algo que se somará à checagem de dados e informações que, em dado momento, se juntarão a lembranças, esquecimentos, distorções e até mentiras, pois, em geral, o texto biográfico está a serviço do (bom e confortável) lugar que cada um quer ao contar determinada história, ou seja, ao relembrar o passado. Assim, ao coletar dados, lembranças e informações, o biógrafo tem a dura missão/obrigação de reproduzir a verdade, devendo ter cuidado redobrado em esclarecer se o que alguém relembra sobre o outro é verdade, uma vez que é fundamental narrar episódios sobre a vida de alguém sempre *contando a verdade*, conforme Tourtier-Bonazzi:

Em regra, o entrevistador deve, antes de mais nada, saber guardar silêncio, aprender a ouvir sem a priori aquele que, como diz Marguerite Yourcenar, “donne audience à ses souvenirs”. Deve adaptar-se à psicologia da testemunha, respeitá-la, estar disposto a tomar pacientemente a conversa, suscitar a recordação através de um questionamento discreto se a testemunha for pouco loquaz, orientá-la sem precipitação, não a impedindo de perder-se em digressões, caso ela o seja em demasia, repetir em voz alta suas palavras,

se estas não forem claramente audíveis, procurar não falar ao mesmo tempo que ela, não insistir quando evita uma recordação dolorosa, não se precipitar em perguntar de novo porque as recordações precisam de um tempo para vir à tona (BONAZZI, 2006, p. 234).

## O JORNALISTA E O ASSASSINO E OS ESTUDOS SOBRE BIOGRAFIAS

No início de 1970, parte de uma família norte-americana foi assassinada a golpes de faca e pauladas. Colette Stevenson, que estava grávida, e suas duas filhas, de dois e de cinco anos, foram mortas e o principal suspeito, seu marido Jeffrey MacDonald, alegou à época que sua casa foi invadida por seguidores de Charles Manson (cujo grupo assassinou, em agosto de 1969, a atriz Sharon Tate, mulher do diretor de cinema Roman Polanski), mas essa versão nunca conseguiu ser provada.

Entrevistado pelo jornalista Joe McGinniss, o médico o convidou a integrar sua equipe de defesa, a fim de que este pudesse escrever um livro contando sua história de vida e sua alegada inocência. Em agosto de 1979, o médico foi condenado à prisão perpétua. Joe McGinniss seguiu escrevendo o livro, com o aparente compromisso de revelar a versão do acusado. Mas, em 1983, o jornalista publicou um livro totalmente contrário: Descreveu o acusado como psicopata perverso misógino que abateu a própria família ambicionando fama e liberdade. O livro de McGinniss alcançou a lista dos mais vendidos. Sentindo-se traído, o assassino abriu um processo contra ele e venceu. Anos depois, os dois assinaram um acordo e o jornalista pagou 325 mil Dólares ao médico.

Este caso foi explorado no livro *O Jornalista e o Assassino* (2011), da jornalista norte-americana Janet Malcolm, que já havia tratado de questão no livro *A mulher calada*, onde analisou biografias da poeta Sylvia Plath.

A frase que abre o livro tem sido bastante repetida: “Qualquer jornalista que não seja demasiado obtuso ou cheio de si para perceber o que está acontecendo sabe que o que ele faz é moralmente indefensável. Ele é uma espécie de confidente, que se nutre da vaidade, da ignorância ou da solidão das pessoas” (MALCOLM, 2011, p. 11). Contudo, ao contrário do que se pensou à época, a intenção de Malcolm ao escrever *O Jornalista e o Assassino* não foi esclarecer os motivos sobre o que aconteceu na noite em que uma mãe grávida e suas filhas foram assassinadas. Seu interesse era discutir a relação biógrafo e biografado, que, para ela, terminou com: “Cinco dos seis jurados... persuadidos de que um homem que estava cumprindo três sentenças consecutivas de prisão perpétua pelo assassinato da esposa e de duas filhas pequenas merecia mais simpatia que o escritor que o enganara” (MALCOLM, 2011, p. 13).

Para ela, o jornalista, assim como muitos biógrafos, não estaria interessado em contar a verdade porque, desde o início, ele já tinha uma tese prévia traçada, ou seja, era alguém que, em nome da verdade, se aproveitou da confiança de um presidiário para

lançar um livro. Raciocínio discordado por Otávio Frias Filho, autor do posfácio da edição brasileira. Para ele, Malcolm também é parcial, ao tratar o jornalista como um vilão em seu livro, pois acredita que Janet Malcolm também defende um lado, no caso, o do médico, já que ela não cultiva: “Uma atitude de neutralidade ou indiferença como narradora... não é raro que tome partido (no caso deste livro, a favor do ‘assassino’ e contra o ‘jornalista’” (MALCOLM, 2011, p. 162) isso porque, segundo Frias, ela acredita que a relação entre biógrafo e biografado se trata de relação de: “Poder em que a fonte é invariavelmente prejudicada” (MALCOLM, 2011, p. 160).

Desagradou a Frias a tese defendida por Malcolm, que é a *impossibilidade* de um biógrafo relatar a verdade: “Estamos no reino das versões, já que a verdade é postulada como inalcançável” (MALCOLM, 2011, p. 164). De fato, o livro de Malcolm não tenta *desvendar* quem fala a verdade, mas explorar os impasses da biografia, isso porque Malcolm acredita que o jornalista sempre fracassará na busca pela verdade, pois linguagem é representação e, assim, nenhuma vida pode ser reproduzida em sua verdade absoluta.

Para muitos estudiosos, o biógrafo trata-se de alguém que deve *arrumar* a vida do outro, dando coerência a fatos dispersos e desordenados. Seria então o biógrafo responsável por dar sentido a uma existência? Talvez por isso, quase sempre o modelo seguido é a busca da *verdade*, caminho que costuma dar reconhecimento ao biógrafo ao evitar a produção e disseminação de *fake news*, de fofocas, bem como, a publicação de fatos que deveriam seguir silenciados, esquecidos. Contudo, este modelo que persegue a objetividade, retratando tudo *exatamente como aconteceu* deriva em grande parte do jornalismo norte-americano, cujas bases são concisão, clareza, objetividade e a perseguição da verdade, com isso evitando a incerteza, o vago, a distorção, a prolixidade – *falhas* a serem evitadas.

Historicamente, essa transição se dá a partir da década de 1980, quando escritores e intelectuais (Clarice Lispector, Fernando Sabino, Rubem Braga etc.) começam a deixar as redações de jornais, coincidindo com a abertura das faculdades de Jornalismo, a adoção de manuais de redação e o advento do computador e da internet.

Sergio Villas Boas, autor dos livros *Biografismo – reflexões sobre as escritas da vida* e *Biografias e biógrafos*, apresenta (e contesta) vários dos pilares que têm sustentado a biografia, como o fatalismo, quando o biógrafo acredita que seu personagem é um predestinado. Ao citar o livro *O Anjo Pornográfico*, de Ruy Castro, Vilas Boas afirma que a vida do dramaturgo Nelson Rodrigues neste livro seria: “Uma sucessão de mortes, traições, abandonos, doenças... Ou seja, Nelson estava fadado ao sucesso mesmo que as circunstâncias lhe fossem desfavoráveis. O Nelson de Ruy é... um predestinado” (BOAS, 2007, p. 91).

Outra prática comum dos biógrafos, segundo Vilas Boas, é a da extraordinariedade, quando biógrafos enxergam seus biografados como pessoas únicas, extraordinárias e que são merecedores da notoriedade de que gozam. Por fim, o autor rebate a *busca pela*

verdade. Abordando a biografia como “gênero literário de não-ficção” (BOAS, 2007, p. 20), ele acredita que: “Um véu de verdade absoluta encobre as biografias, a visão dos biógrafos e a percepção de resenhistas e prefaciadores. O biógrafo pode atingir a verdade sobre o biografado? Pode-se recompor, filosoficamente falando, a totalidade da vida de um indivíduo pela escrita? Não” (BOAS, 2007, p. 153). Ou seja, é como se o biógrafo que optasse escrever um livro buscando *a verdade* seguisse um caminho inviável, confirmando a noção de Janet Malcom e de Bourdieu, que chama de ilusão biográfica: “Producir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica” (BORDIEUX, 2006, p. 185).

Segundo Vilas Boas, muitos biógrafos caem nessa *armadilha* ao tentar manter em seus livros a mesma postura de trabalho realizado no Jornalismo diário das redações de jornais. Para ele (assim como, para Janet Malcolm), trata-se de um aparente equívoco, isso porque: “A reconstituição do passado de um indivíduo (vivo ou morto) depende da evidência empírica. Mas o processo não é empírico *em si*, nem pode basear-se em mera superposição de fatos porque os fatos não são ‘puros’” (VILAS BOAS, 2002, p. 54).

Neste ponto, os livros de Leonor Arfuch (2010), Janet Malcolm (2011) e Vilas Boas (2002; 2007) concordam com a *impossibilidade* de se contar uma vida isso porque biografia não deveria perseguir a fidelidade, mas narrar o *ponto de vista* de quem a escreve, pois: “Transporta a carga de seu autor, suas impressões pessoais, sua formação, sua história de vida” (VILAS BOAS, 2002, p. 136).

## HO-BA-LA-LÁ – À PROCURA DE JOÃO GILBERTO

O livro *Ho-ba-la-lá – À procura de João Gilberto* (2001), de Marc Fischer, ao contrário de muitos perfis e biografias, segue na contramão de perseguir a *verdade biográfica*, isso porque desde o início o autor parece não buscar *verdade alguma* em suas páginas. Ao contrário, o livro está repleto de titubeios, desacertos, desencontros e dúvidas, isso porque Fischer se divide entre história oral e “fatos” narrados, ou seja, em muitos momentos fica claro que ele *preenche* o vazio dos fatos e da incerteza com possibilidades, versões. Assim, embora seja enquadrado como biografia, o autor o tempo todo recorre a elementos literários, uma vez que ele não persegue a “verdade dos fatos”. Fischer segue direção contrária, pois não dispensa humor, informações vagas e imprecisas, uma vez que sua “missão” se realiza incluindo doses de humor e de absurdo, expondo que desde o início o autor tem consciência do fracasso da *missão da verdade*. Talvez por isso, Fischer não se baseia no modelo clássico das biografias: Serem isentas, precisas, objetivas e imparciais.

O tom do livro *Ho-ba-la-lá* segue caráter bastante informal e desprestensioso enquanto tenta encontrar e entrevistar João Gilberto. Contudo, esta busca nunca se efetivará. Fischer acaba por escrever seu perfil, mas a figura que se sobressai do cantor no livro é

etérea, fugidia, pouco palpável, retrato desfocado da realidade. Como Dom Quixote e sua fiel escudeira, no caso, uma tradutora carioca lésbica e *dblé* de detetive, a quem Fischer chama de Watson (enquanto ela o chama de Sherlock), em nenhum momento ele se define como biógrafo, o que o coloca *personagem* da narrativa. Ou seja, neste livro, Fischer não é um mero narrador de fatos sem envolvimento com o narrado. Ele também é *personagem*, pois não mantém distanciamento do que narra. Antes, se coloca completamente apaixonado pelo biografado. Só essa paixão explicaria a “caçada” por um artista nunca visto, inclusive, pelos amigos e familiares: “Tentei todos os canais possíveis, ex-gravadoras, empresários, produtores de shows etc. Nunca obtive resposta. Quero ... encontrá-lo porque não está claro se se trata de um louco, de um excêntrico, de um fantasma, de um homem invisível, de um monge ou de alguém alérgico ao sol” (FISCHER, 2011, p. 17).

Marc Fischer expõe contexto histórico, fatos e informações pessoais de João Gilberto, mas a toda hora seu livro mostra não os limites, mas as possibilidades de um filão que se apoia não apenas na audição de amigos e familiares, mas em versões e relatos que incluem humor, devaneio, imaginação e ironia. O jornalista alemão parece ter consciência de que é do *arranjo* desses elementos que se constrói a narrativa biográfica, isso porque ele opta por um modelo em que opiniões e fatos têm a mesma importância.

Muitas vezes cruéis, as opiniões de algumas pessoas sobre João Gilberto poderiam dar margem a irritações e processos judiciais da sua parte. Mas, embora narre tudo como se fosse a *mais pura verdade*, fica claro para o leitor que as fronteiras da verdade e da ficção neste livro são tênues e que não são fruto da maledicência alheia ou da má-fé das pessoas, mas da ênfase que o autor dá aos relatos subjetivos em torno de alguém.

Ao registrar sua “caçada” ao cantor baiano, Fischer aproxima-se do conceito proposto por Arfuch, para quem um biógrafo não pode dispensar uma fonte duvidosa, uma vez que *todas as fontes são duvidosas*. E o que ele oferece nesse livro sobre João Gilberto é um texto que se divide entre: “Ficção, obra documental, romance histórico, ‘caso’ psicanalítico ou fofoca” (ARFUCH, 2010, p. 103), uma vez que, para ela, não há uma única: “História do sujeito, tampouco uma posição essencial, originária ou mais ‘verdadeira’. É a multiplicidade dos relatos, suscetíveis de enunciação diferente, em diversos registros e *coautorias*... que vai construindo uma urdidura” (ARFUCH, 2010, p. 138).

Para Arfuch, um biógrafo se dizer fã de seu biografado não o exime de responsabilidade, pois:

a biografia está ameaçada desde a origem pela tensão entre admiração e objetividade, entre uma suposta ‘verdade’ a restaurar e o fato de que toda história é apenas *uma história a mais* a ser contada sobre um personagem. Sujeita ao risco de se tornar monumento, exercício de erudição, obsessão de arquivo ou inventário enjoativo de mínimos acidentes ‘significantes’, também pode se transformar em estilete *contra* seu objeto (ARFUCH, 2010, pp. 138-9).

Desde o início, o narrador de *Ho-ba-la-lá* parece descrever tudo com irreverência, fugindo do modelo da “biografia clássica”. Marc Fischer narra encontros com um ex-assessor do cantor; com o *chef* de cozinha que lhe fornece bifes de *fillet mignon* há cinco anos, apesar de nunca tê-lo visto; com Roberto Menescal, João Donato; sua ex-mulher, Miúcha (com quem ele teve uma filha, a cantora Bebel), mas persiste a sensação de que até mesmo os fatos expostos no livro são dúbios, incertos, escorregadios, caindo por terra mais uma noção – a de que toda biografia tem de exibir certezas absolutas.

É esse o raciocínio seguido por Felipe Pena em *Jornalismo Literário* (2006): “Não acredito, conforme defende a lógica jornalística, que seja possível construir histórias e identidades com coerência e estabilidade numa época em que a realidade se apresenta em formas múltiplas e desconexas, deixando clara a sua complexidade” (PENA, 2006, p. 71). Ou seja, Pena não acredita que seja possível: “Escrever biografias como relatos cronológicos de acontecimentos com significado e direção (PENA, 2006, p. 71). Consciente disso, Fischer não se coloca como *autoridade* ou especialista em João Gilberto, função para ele desempenhada por Ruy Castro, em seu livro *Chega de saudade*.

Trancado no apartamento dia e noite, avesso a tudo e a todos, a pergunta que insiste no livro de Fischer é: “O que João Gilberto faz o tempo todo?” (FISCHER, 2011, p. 17). Sem respostas e sem receio de ser tachado de fantasioso, *Ho-ba-la-lá* traça um perfil de um homem sensível, difícil e cheio de manias: “Ele fala sempre com uma vozinha bem fraca, baixinho, uma voz meio sofrida, mas penetrante... A loucura dele é uma loucura suave, quietinha e, por isso mesmo, a mais perigosa que existe” (FISCHER, 2011, p. 67). Para a cantora Joyce: “É preciso tomar cuidado para que ele não entre na gente e tome posse feito uma jibóia” (FISCHER, 2011, p. 120).

Em Diamantina, cidade mineira onde João Gilberto viveu por um período na década de 1970, e para onde Fischer foi à cata de respostas, a cidade lhe oferece apenas perguntas, todas elas compartilhadas com o leitor, como o retrato de um João Gilberto que: “Provoca medo em algumas mulheres. Várias delas chegam a trocar de calçada quando ele vem vindo” (FISCHER, 2011).

Ruy Castro considerou *Ho-ba-la-lá – À Procura de João Gilberto* um livro apaixonante, chegando a indagar: “Algum brasileiro escreveria livro igual?” Ele conclui que não. Castro afirma que o livro do alemão é composto por “fatos reais com especulações” (CASTRO, 2011, p. 25), ressaltando que o suicídio do jornalista Marc Fischer, ocorrido em abril de 2011, poderia estar relacionado de alguma forma ao personagem criado por ele em torno de João Gilberto, o que amplia a discussão em torno de biógrafos e biografados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou abordagens em torno do gênero biografia a fim de expor as bases da biografia clássica, como isenção, verdade e imparcialidade sobre a vida de alguém, mesmo que *construída* a partir de depoimentos de amigos, adversários, familiares e colegas; a tênue busca pela verdade, no momento em que uma vida narrada não deve ser descrita em sua totalidade, por mais verídico que o relato pretenda ser. Essas análises são feitas tendo como exemplo diversas obras teóricas e, sobretudo, a partir do livro *Ho-ba-la-lá – À procura de João Gilberto*, de Marc Fischer, que foi até o Rio de Janeiro com a missão de conhecer e de se encontrar com seu ídolo, o cantor e compositor João Gilberto, e constrói, a partir de registros orais, um livro repleto de vazios, lacunas, dúvidas e titubeios – o oposto de biografias que perseguem a verdade.

## REFERÊNCIAS

- AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e Abusos da História Oral*. São Paulo: FGV, 2006.
- ARAÚJO, Paulo César de. *Roberto Carlos em Detalhes*. São Paulo: Ediouro, 2007.
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico – Dilemas da Subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.
- BOAS, Sergio Vilas. *Biografismo – reflexões sobre as escritas da vida*. São Paulo: Unesp, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Biografias e biógrafos*. São Paulo: Record, 2002.
- BORDIEUX, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- CASTRO, Ruy. *Chega de saudade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- \_\_\_\_\_. *O anjo pornográfico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- \_\_\_\_\_. “Livro narra caça a João Gilberto em tom policial”. In: *Folha de S. Paulo*. São Paulo: 10 dez. 2011.
- FISCHER, Marc. *Ho-ba-la-lá – À procura de João Gilberto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FRIAS FILHO, Otávio. Posfácio. In: MALCOLM, Janet. *O jornalista e o assassino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico – De Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- MALCOLM, Janet. *O Jornalista e o Assassino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MORAIS, Fernando. *Chatô – O rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

TOURTIER-BONAZZI, Chantal. Arquivos: propostas metodológicas. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. (8<sup>a</sup> edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 234.